



# Terra e Água Escolher sementes, invocar a Deusa

ESTUDOS EM HOMENAGEM  
A VICTOR S. GONÇALVES

Ana Catarina Sousa · António Carvalho · Catarina Viegas (eds.)

## estudos & memórias

Série de publicações da UNIARQ  
(Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa)  
Workgroup on Ancient Peasant Societies (WAPS)  
Direcção e orientação gráfica: Victor S. Gonçalves

9.  
SOUSA, A. C.; CARVALHO, A.; VIEGAS, C., eds. (2016) – *Terra e Água. Escolher sementes, invocar a Deusa. Estudos em Homenagem a Victor S. Gonçalves*. estudos & memórias 9. Lisboa: UNIARQ/ FL-UL. 624 p.

Capa: desenho geral e fotos de Victor S. Gonçalves.  
Face: representação sobre cerâmica da Deusa com Olhos de Sol, reunindo, o que é muito raro, todos os atributos da face – sobancelhas, Olhos de Sol, nariz com representação das narinas, «tatuagens» faciais, boca e queixo. Sala n.º 1, Pedrógão do Alentejo, meados do 3.º milénio. Altura real: 66,81 mm.  
Verso: Cegonhas, no Pinhal da Poupa, perto da entrada para o Barrocal das Freiras, Montemor-o-Novo (para além de várias metáforas, uma pequena homenagem a Tim Burton...).

Paginação e Artes finais: TVM designers  
Impressão: AGIR, Produções Gráficas  
300 exemplares + 100 com capa dura, numerados.

Brochado: ISBN: 978-989-99146-2-9 / Depósito Legal: 409 414/16  
Capa dura: ISBN: 978-989-99146-3-6 / Depósito Legal: 409 415/16

Copyright ©, 2016, os autores.  
*Toda e qualquer reprodução de texto e imagem é interdita, sem a expressa autorização do(s) autor(es), nos termos da lei vigente, nomeadamente o DL 63/85, de 14 de Março, com as alterações subsequentes. Em powerpoints de carácter científico (e não comercial) a reprodução de imagens ou texto é permitida, com a condição de a origem e autoria do texto ou imagem ser expressamente indicada no diapositivo onde é feita a reprodução.*

Lisboa, 2016.

O cumprimento do acordo ortográfico de 1990 foi opção de cada autor.

Volumes anteriores de esta série:

LEISNER, G. e LEISNER, V. (1985) – *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*. Estudos e Memórias, 1. Lisboa: Uniarch/INIC. 321 p.

GONÇALVES, V. S. (1989) – *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental. Uma aproximação integrada*. 2 Volumes. Estudos e Memórias, 2. Lisboa: CAH/Uniarch/ INIC. 566+333 p.

VIEGAS, C. (2011) – *A ocupação romana do Algarve. Estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. Estudos e Memórias 3. Lisboa: UNIARQ. 670 p.

QUARESMA, J. C. (2012) – *Economia antiga a partir de um centro de consumo lusitano. Terra sigillata e cerâmica africana de cozinha em Chãos Salgados (Mirobriga?)*. Estudos e Memórias 4. Lisboa: UNIARQ. 488 p.

ARRUDA, A. M., ed. (2013) – *Fenícios e púnicos, por terra e mar*, 1. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos, Estudos e memórias 5. Lisboa: UNIARQ. 506 p.

ARRUDA, A. M. ed., (2014) – *Fenícios e púnicos, por terra e mar*, 2. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos, Estudos e memórias 6. Lisboa: UNIARQ. 698 p.

SOUSA, E. (2014) – *A ocupação pré-romana da foz do estuário do Tejo*. Estudos e memórias 7. Lisboa: UNIARQ. 449 p.

GONÇALVES, V. S.; DINIZ, M.; SOUSA, A. C., eds. (2015) – *5.º Congresso do Neolítico Peninsular*. Actas. Lisboa: UNIARQ/ FL-UL. 661 p.

## ÍNDICE

<b>APRESENTAÇÃO</b>	11
ANA CATARINA SOUSA ANTÓNIO CARVALHO CATARINA VIEGAS	
<b>VICTOR S. GONÇALVES E A FACULDADE DE LETRAS DE LISBOA</b>	15
PAULO FARMHOUSE ALBERTO	
<b>TEXTOS EM HOMENAGEM</b>	
Da Serra da Neve a Ponta Negra em busca do Munhino I	21
ANA PAULA TAVARES	
Reconstruir a paisagem	27
ANTÓNIO ALFARROBA	
O «ciclo de Cascais». Victor S. Gonçalves e a arqueologia cascalense	33
ANTÓNIO CARVALHO	
Os altares dos «primeiros povoadores da Lusitânia»: visões do Megalitismo ocidental	45
CARLOS FABIÃO	

Báculos e placas de xisto: os primórdios da sua investigação JOÃO LUÍS CARDOSO	69
Optimismo, pessimismo e «mínimo vital» em arqueologia pré-histórica, seguido de foco em terras de (Mon)Xaraz LUÍS RAPOSO	81
O Neolítico Antigo de Vale da Mata (Cambelas, Torres Vedras) JOÃO ZILHÃO	97
No caminho das pedras: o povoado «megalítico» das Murteiras (Évora) MANUEL CALADO	113
As placas votivas da «Anta Grande» da Ordem (Maranhão, Avis): um marco na historiografia do estudo das placas de xisto gravadas do Sudoeste peninsular MARCO ANTÓNIO ANDRADE	125
O Menir do Patalou – Nisa. Entre contextos e cronologias JORGE DE OLIVEIRA	149
Percorrendo antigos [e recentes] trilhos do Megalitismo Alentejano LEONOR ROCHA	167
Os produtos ideológicos «oculados» do Terceiro milénio a.n.e de Alcalar (Algarve, Portugal) ELENA MORÁN	179
Gestos do simbólico II – Recipientes fragmentados em conexão nos povoados do 4.º/ 3.º milénios a.n.e. de São Pedro (Redondo) RUI MATALOTO · CATARINA COSTEIRA	189
Megalitismo e Metalurgia. Os <i>Tholoi</i> do Centro e Sul de Portugal ANA CATARINA SOUSA	209
A comunicação sobre o 3.º Milénio a.n.e. nos museus do Algarve RUI PARREIRA	243
Informação intelectual – Informação genética – Sobre questões da tipologia e o método tipológico MICHAEL KUNST	257
Perscrutando espólios antigos: o espólio antropológico do <i>tholos</i> de Aqualva RUI BOAVENTURA · ANA MARIA SILVA · MARIA TERESA FERREIRA	293
El Campaniforme Tardío en el Valle del Guadalquivir: una interpretación sin cerrar J. C. MARTÍN DE LA CRUZ · J. M. GARRIDO ANGUITA	309

Innovación y tradición en la Prehistoria Reciente del Sudeste de la Península Ibérica y la Alta Andalucía (c. 5500-2000 Cal a.C.) FERNANDO MOLINA GONZÁLEZ · JUAN ANTONIO CÁMARA SERANO JOSÉ ANDRÉS AFONSO MARRERO · LILIANA SPANEDDA	317
A Evolução da Metalurgia durante a Pré-História no Sudoeste Português ANTÓNIO M. MONGE SOARES · PEDRO VALÉRIO	341
Bronze Médio do Sudoeste. Indicadores de Complexidade Social JOAQUINA SOARES · CARLOS TAVARES DA SILVA	359
Algumas considerações sobre a ocupação do final da Idade do Bronze na Península de Lisboa ELISA DE SOUSA	387
À vol d'oiseau. Pássaros, passarinhos e passarocos na Idade do Ferro do Sul de Portugal ANA MARGARIDA ARRUDA	403
Entre Lusitanos e Vetões. Algumas questões histórico-epigráficas em torno de um território de fronteira AMILCAR GUERRA	425
O sítio romano da Comenda: novos dados da campanha de 1977 CATARINA VIEGAS	439
A Torre de Hércules e as emissões monetárias de D. Fernando I de Portugal na Corunha RUI M. S. CENTENO	467
Paletas Egípcias Pré-Dinásticas em Portugal LUÍS MANUEL DE ARAÚJO	481
<b>À MANEIRA DE UM CURRICULUM VITAE, SEGUIDO POR UM ENSAIO DE FOTOBIOGRAFIA</b>	489
Victor S. Gonçalves (1946- ). À maneira de um <i>curriculum vitæ</i>	491
Legendas e curtos textos a propósito das imagens do Album Fotobiografia	549 558
<b>LIVRO DE CUMPRIMENTOS</b>	619
<b>ÚLTIMA PÁGINA</b>	623

## GESTOS DO SIMBÓLICO II – RECIPIENTES FRAGMENTADOS EM CONEXÃO NOS POVOADOS DO 4.º/3.º MILÊNIO A.N.E. DE SÃO PEDRO (REDONDO)<sup>1</sup>

RUI MATALOTO<sup>2</sup>

CATARINA COSTEIRA<sup>3</sup>

«Que sabia exactamente Júlio Verne da verdadeira história que se esconde por detrás da Volta ao Mundo em oitenta dias?»

Philip José Farmer, *The other log of Phileas Fogg*, Apud Gonçalves, V. S. – *Megalitismo e Metalurgia*, 1989, p. 22

---

### RESUMO

Este trabalho integra-se numa sequência em que procuraremos desenvolver a análise dos «gestos do simbólico» nos povoados de São Pedro, tratando-se aqui, em particular, de um conjunto de deposições estruturadas de recipientes cerâmicos.

### ABSTRACT

This paper belongs to a sequence in which we intent to present the analysis of «symbolic gestures» in São Pedro settlement. We present and describe a set of structured deposits of complete ceramic containers along the São Pedro's stratigraphy.

---

---

<sup>1</sup> Este trabalho integra-se numa sequência em que procuraremos desenvolver a análise dos «gestos do simbólico» nos povoados de São Pedro, tendo já sido entregue para publicação na Revista Portuguesa de Arqueologia – «Gestos do simbólico I – ‘ídolos’, idóliciformes, figuras e representações do ‘sagrado’ (?) nos povoados do 4.º/3.º milénios a.n.e. de São Pedro (Redondo)». Entregue em Dezembro de 2015.

<sup>2</sup> Município de Redondo  
rmataloto@gmail.com

<sup>3</sup> UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa. Alameda da Universidade, 1600-214 Lisboa, Portugal. FCT.  
catarinacosteira@gmail.com

### LIMIAR... ERA UMA VEZ NO ALENTEJO...

«...um importante ponto de vista da nossa própria filosofia:  
só conhece a terra quem nela suja as mãos.»

V. S. G., in Calado e Mataloto, 2001, p. 10

Há pouco mais de 20 anos, nos bancos da Faculdade, o Professor Victor Gonçalves dirigiu-me pela primeira vez a palavra questionando: «*Então é você o homem do Redondo?*» «*Más recordações me trraz a estas horas!!*» «*Aquele cabrito fabuloso do João da Fazenda!!*» Era de facto hora de almoço, e a aula apenas estava a começar... desde logo vislumbrei que manteríamos uma peculiar relação de amizade... As campanhas de escavação de Areias 15 e Sala n.º 1, para além de múltiplos fins de semana de prospecção em Reguengos ficaram bem marcados na minha memória, especialmente pelos longos diálogos mantidos enquanto passeávamos, nas noites quentes de Reguengos, o saudoso *Sproket*, com quem partilhei a água fresca nas Areias 15, e que gentilmente me ignorava enquanto degustava as bolachinhas dadas pelo Pedro Barros...

Desses tempos retive o gosto das longas conversas onde a Arqueologia, e o Calcolítico, surgia a espaços entremeada por vinho, BD, música (quem se pode esquecer das alvoradas ao som de *Art Ensemble of Chicago?*) e, inevitavelmente, gastronomia, onde pontuavam os famosos «*chichitos*» redondenses...

Contudo, as reservas que o Professor Victor Gonçalves sempre teve sobre a minha vocação de pré-historiador, e qualidades da metodologia Barker-Harris, causaram por vezes ligeira tensão, que o bom senso facilmente eliminou, e me trouxe aqui em justa homenagem a um Pré-Historiador que, sem dúvida, marcou por motivos diversos aqueles que o seguiram e leram.

RUI MATALOTO

### ERA UMA VEZ EM LISBOA...

Comecei a trabalhar com o professor Victor Gonçalves no final do primeiro ano da licenciatura, algures no ano de 2004, no Museu Nacional de Arqueologia, no inventário das placas de xisto da Anta 1 do Paço. Esse primeiro contacto com os artefactos simbólicos das primeiras sociedades camponesas alentejanas iria marcar o meu percurso como investigadora, não só porque despertou o meu interesse pela Pré-História do Alentejo – território onde sendo forasteira aprendi a ser arqueóloga –, mas também porque aguçou a curiosidade pelo estudo dos artefactos simbólicos do passado, sem me afastar demasiado do olhar objectivo (métrico e quantitativo) que reservo para outras categorias de artefactos e sem me satisfazer com as explicações pós-modernas mais desconcertantes.

Desde o projecto de final de licenciatura até à tese de doutoramento que o professor Victor Gonçalves aceitou ser sempre o meu orientador, respeitando o meu gosto pela solidão e a liberdade de fazer as minhas próprias escolhas temáticas e bibliográficas. Irei sempre recordar as pilhas de livros, CDs, papéis e materiais arqueológicos que caracterizam a «ordem e a desordem» do seu gabinete, e que tantas vezes me distraíram durante as reuniões ao tentar ler os títulos das lombadas e ao temer que se desmornassem ao mais pequeno gesto. Nas longas conversas durante as reuniões de orientação, mais do que falar dos problemas e dos prazos da tese, o professor Victor Gonçalves partilhava chá de jasmim e narrava as suas inúmeras memórias, que marcarão a história da arqueologia na Faculdade de Letras e da própria arqueologia portuguesa para sempre...

CATARINA COSTEIRA

## O SÍTIO DE SÃO PEDRO – LOCALIZAÇÃO E INTERVENÇÕES ARQUEOLÓGICAS

O sítio de São Pedro localiza-se no Alentejo Central, distrito de Évora, freguesia e concelho de Redondo, num cerro destacado de vertentes íngremes e topo aplanado, com afloramentos rochosos de xisto, que se eleva na margem Nascente da planície central de Redondo, adjacente à aba Sul da Serra d'Ossa.

A ocupação calcolítica do cabeço de São Pedro foi referida pela primeira vez por Manuel Calado, que lhe atribui um importante papel no estudo do povoamento do 4.<sup>o</sup>/3.<sup>o</sup> milénio a.n.e. na região da Serra d'Ossa (Calado, 1995, 2001).

Entre 2004 e 2009, coordenado por um de nós (RM), desenrolou-se um extenso programa de escavação prévio à construção da circular externa de Redondo, que exigia a destruição de grande parte do sítio arqueológico. A intervenção arqueológica decorreu em quatro campanhas, resultando na escavação integral de uma área de cerca de 2000 m<sup>2</sup>, que corresponderá a cerca de 2/3 da área ocupada, o que permitiu recuperar uma grande quantidade de informação estratigráfica e arquitectónica do sítio. A área de escavação foi ordenada em seis sectores, de A a F, para orientar a abordagem no terreno, simplificar a organização da informação e permitir a rápida localização das estruturas e materiais. Estes sectores não têm significado funcional, nem leituras estratigráficas específicas.

Ao longo dos últimos 10 anos, o sítio arqueológico de São Pedro tem sido alvo de diversos estudos, sendo longa a lista de artigos publicados, sobre a sequência de ocupação do sítio, baseados essencialmente nos resultados das primeiras campanhas de escavação (Mataloto, *et al.*, 2007; 2009; Mataloto, 2010, Mataloto e Gauss, no prelo), contextos específicos (Mataloto *et al.*, 2015), estudos de faunas (Davis e Mataloto, 2012) e artefactuais (Costeira, 2010, 2012; Costeira e Mataloto, 2013; Costeira, *et al.*, 2013; Nukushina, *et al.*, no prelo), alguns dos quais integrados num projecto de doutoramento em desenvolvimento por um de nós (CC).

### OS POVOADOS DE SÃO PEDRO

Os trabalhos de escavação permitiram recuperar os vestígios estruturais e artefactuais de cinco grandes momentos de ocupação pré-histórica, que se terão desenrolado entre o final do 4.<sup>o</sup> Milénio e grande parte do 3.<sup>o</sup> Milénio a.n.e. no topo do cabeço de São Pedro. Esta cronologia tem vindo a ser corroborada por um conjunto de datações, que se encontra já disponível (Mataloto e Boaventura, 2009, p. 37).

De facto, não interpretamos o sítio como um povoado único, com uma história linear de fundação, expansão, declínio e abandono, mas como uma multiplicidade de povoados com dimensões, arquitecturas e tempos diferentes. Duas destas ocupações caracterizam-se pela construção e utilização de estruturas de fortificação distintas, que marcam a análise da História do cabeço de São Pedro. O faseamento proposto decorre, essencialmente, dos actos de construção, reconstrução e abandono das grandes estruturas de fortificação do sítio.

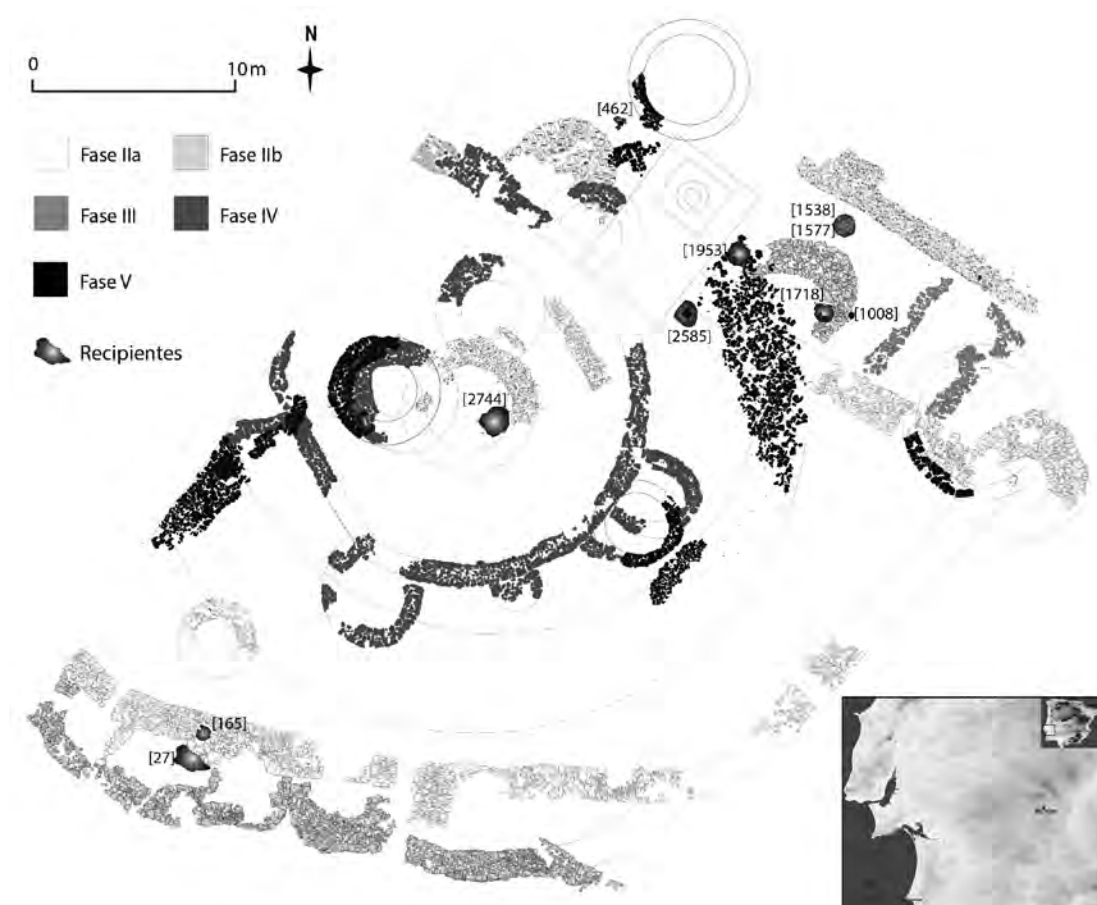
A primeira fase de ocupação do cabeço de São Pedro ter-se-á desenvolvido entre os finais do 4.<sup>o</sup> e os inícios do 3.<sup>o</sup> milénio a.n.e., não tendo sido identificada qualquer estrutura de delimitação. A visibilidade arquitectónica e artefactual desta fase é fortemente condicionada pelo dinamismo das ocupações posteriores, que limitaram bastante o seu grau de preservação. Os principais indícios desta fase referem-se à presença de depósitos arqueológicos, estruturas negativas sob a primeira fortificação e à identificação de um conjunto cerâmico em que predominam as formas esféricas e globulares lisas, algumas com elementos mamilares, e as taças carenadas, sendo reduzidas (mas não totalmente ausentes) as formas espessadas e os pratos, características típicas dos sítios com ocupações desta cronologia no Alentejo Central (Calado, 2001; Mataloto, 2010).

Esta primeira ocupação aberta termina, segundo cremos, durante o primeiro quartel do 3.º milénio a.n.e., quando se documenta a construção de uma ampla estrutura pétreo de fortificação que marca uma profunda mudança arquitectónica e espacial do sítio. Não é possível determinar se esta nova forma de configuração do espaço resulta da continuidade da ocupação anterior ou se é uma fundação de raiz, após um momento de abandono

A construção, utilização com diversas transformações e remodelações, e abandono da primeira fortificação do sítio de São Pedro deverá ter-se desenrolado entre os finais do 1.º quartel do 3.º milénio a.n.e. e inícios do seguinte (Mataloto e Boaventura, 2009; Mataloto e Gauss, no prelo).

Esta primeira fortificação apresenta uma planta poligonal (Fig. 1), aproximadamente trapezoidal, delimitando um espaço de cerca de 800 m<sup>2</sup>, podendo ser considerada uma estrutura de dimensão intermédia, quando comparada com outros povoados fortificados do Sul peninsular.

Na área intervencionada identificaram-se cinco tramos de muralha, rectilíneos, com cerca de 10 metros de comprimento cada, por 2 metros de largura, constituídos por lajes de xisto de calibre diverso e blocos de quartzo e granito, utilizando-se principalmente a técnica do duplo paramento. Pelo exterior, a muralha apresenta vários elementos proeminentes: bastiões maciços e outros ocós, de menores dimensões. Num primeiro momento de utilização desta estrutura, erguiam-se dois bastiões ocós a Sul e um a Nordeste, unindo os dois tramos da muralha, reforçando um canto topograficamente sensível; a Norte, na área de maior declive, implantavam-se dois grandes bastiões semi-circulares maciços, de maior envergadura (com diâmetro máximo de cerca de 6 m).



**FIG. 1.** São Pedro, planta geral de estruturas, por fases, com localização dos recipientes estudados.

Igualmente no lado Norte, paralelo à muralha, identificou-se um muro, com cerca de 14 m de comprimento e 1 m de largura. A interpretação desta estrutura não é ainda clara, no entanto, a sua contemporaneidade parcial relativamente à muralha principal, que lhe é posterior, coloca a hipótese de se tratar de uma primeira fase da estrutura de fortificação, que terá permanecido aquando da construção do troço interior desempenhando uma função a modo de barbacã, reforçando a área de menor defesa natural do cabeço de São Pedro. No lado Este, apesar do mau estado de conservação da muralha, identificou-se uma porta simples e estreita, que poderá ser a única entrada do povoado (Costeira e Mataloto, 2013).

Posteriormente, a face Sul da muralha sofreu uma forte remodelação, com a substituição de alguns dos seus troços e das torres ocas, por outras maciças de menores dimensões. As novas construções sobrepõem-se aos derrubes pétreos resultantes do desmantelamento das estruturas anteriores. Estas transformações não alteram significativamente a morfologia da fortificação nem a dimensão do povoado, podendo por isso relacionar-se mais com a necessidade de manutenção das estruturas do que com alterações na estratégia defensiva.

Na área interior registaram-se duas estruturas de planta circular com espessos embasamentos de pedra de xisto de calibre diverso, que deveriam desenvolver-se em altura. A estrutura [345] de maiores dimensões (cerca de 6 m de diâmetro) localiza-se na área central, apresentando características arquitectónicas semelhantes às torres ocas das muralhas (Fig. 1). A relação desta estrutura com a fortificação não exclui a possibilidade de ter outras funções, nomeadamente domésticas, enquanto cabana.

No interior da área murada identificou-se outra estrutura de planta circular, de embasamento pétreo em xisto, para além de diversos indícios que nos apontam para a presença de estruturas em materiais perecíveis, indiciadas pela presença de buracos de poste, estruturados por lajes de xisto, e revestidas por barro cozido com marcas de ramagens. Para além destas documentaram-se múltiplas estruturas negativas com diferentes morfologias, dimensões e funções (armazenagem, amortização de materiais, entre outras). A par dos vestígios destas estruturas, a identificação de um conjunto artefactual muito vasto e diversificado, principalmente no que se refere às categorias de elementos cerâmicos e líticos, bem como ao seu elevado estado de fragmentação, permite defender que o espaço delimitado foi utilizado para a vivência quotidiana prolongada de uma comunidade humana relativamente estável e alargada (Mataloto, 2010, p.279).

Esta ampla estrutura fortificada terá sido desativada no início do segundo quartel do 3.<sup>o</sup> milénio a.n.e., sendo mais uma vez difícil de aferir se ocorreu um abandono efectivo do cabeço de São Pedro ou se a sua ocupação continuou com a mutação arquitectónica e a reformulação espacial.

Na análise da sequência estratigráfica do cabeço de São Pedro identificam-se parcos indícios de uma ocupação posterior ao abandono e desmantelamento das estruturas do primeiro povoado fortificado, cujos alicerces e elementos pétreos reaproveita, mas anterior aos níveis de ocupação do segundo povoado fortificado. As principais evidências desta terceira fase de ocupação consistem na identificação de vestígios de uma lareira, de algumas estruturas negativas, de diversos buracos de poste estruturados e de uma estrutura de planta rectangular com embasamento de xisto, localizando-se principalmente na vertente norte. A fraca visibilidade arquitectónica desta Fase III e o impacto construtivo das edificações da fase seguinte tornam difícil de individualizar os espaços, estruturas e limites temporais desta ocupação (Fig. 1).

A Fase IV, genericamente enquadrável dentro dos últimos séculos do segundo quartel do 3.<sup>o</sup> milénio a.n.e., caracteriza-se pela construção de uma pequena estrutura de fortificação, de planta subcircular e com cerca de 300m<sup>2</sup> de área interior, dotada de um conjunto de bastiões ocas semicirculares (Fig. 1). No interior localizaram-se duas grandes estruturas de planta circular, de paredes espessas e cerca de 6m de diâmetro máximo, podendo ser consideradas torres, em cujo interior se

desenvolveram actividades de cariz habitacional. A presença destas duas estruturas de grandes dimensões restringia amplamente o espaço interior, desenvolvendo-se, por isso, a área habitacional e de actividade principalmente no exterior da fortificação, atendendo ao elevado número de vestígios de construções em materiais perecíveis aí documentado.

Em meados do 3.<sup>o</sup> milénio a.n.e., esta fortificação terá sido desactivada, sem que se registem indícios de abandono violento ou repentino.

Após o abandono desta fortificação, desenrola-se, provavelmente durante o terceiro quartel do 3.<sup>o</sup> milénio a.n.e., a última ocupação do cabeço de São Pedro (fase V), que se pode subdividir em dois momentos distintos. O primeiro caracteriza-se pela presença de várias cabanas de planta circular com embasamento pétreo, com cerca de 4 m de diâmetro, que se encontram dispersas pela área interencionada. Uma destas estruturas destaca-se das restantes pela sua robustez e dimensões (cerca de 6 m de diâmetro exterior) e por se localizar numa área central, sobrepondo-se aos derrubes das torres centrais dos anteriores povoados fortificados, o que lhe parece conferir algum destaque na estruturação do espaço (Mataloto, *et al.*, 2015). O conjunto artefactual associado a esta ocupação do cabeço de São Pedro apresenta características típicas das ocupações do final do 3.<sup>o</sup> milénio a.n.e., com a presença de um pequeno conjunto de cerâmica campaniforme incisa (Mataloto *et al.*, 2015).

No segundo momento desta ocupação, após o abandono das cabanas, construiu-se uma estrutura pétreo, de morfologia circular, que parecia acompanhar o traçado da última muralha. A edificação desta estrutura poderá ter o significado simbólico de selar e/ou evidenciar um espaço que deixou de ser habitado (Mataloto, 2010) (Fig. 1).

Esta sucessão de fases e momentos de abandono, totais ou parciais, com evidentes acções de remobilização e ablação dos estratos anteriores, a par de uma intensa ocupação ao longo de centenas de anos, acaba por ser determinante na formação de uma sequência estratigráfica complexa e muito dinâmica, onde a acção concreta facilmente se dilui. Contudo, cremos que uma intervenção cuidada e uma rigorosa análise dos dados nos permitem reconhecer tendências e sucessões crono-estratigráficas que marcam a História da ocupação do local.

## DO REGISTO, DO DOMÉSTICO E DA RITUALIDADE

De há muito consideramos, em particular um de nós, que dirigiu os trabalhos no São Pedro (R.M.), que o registo deve tentar recuperar a sequência de acções, ou melhor, o resultado estratigráfico de uma sequência de acções de que derivou a formação do pacote arqueológico. No entanto, como bem nos recorda Gavin Lucas num trabalho recente, a questão fulcral redonda na dificuldade de isolarmos «*the evidence*» ou «*the evidence of*» isto é, no fundo como isolar e registar a acção, ou o resultado da acção (Lucas, 2012, p. 171). Cremos efectivamente que este é o objectivo fulcral, complexo, subjectivo e inatingível, porque intangível, que pretendemos abordar neste trabalho. Na realidade, é a acção que pretendemos isolar através do nosso registo do seu resultado, acompanhando, de certa forma, o que este último autor designou de «*event*», com toda a complexidade com que o explicou (Lucas, 2012, p. 178). Todavia, e ainda que tenhamos consciência que esta tentativa de isolar acções concretas seja eivada de tremenda dificuldade e subjectividade na leitura do «*dado*», que nós criámos, especialmente se tivermos em consideração que a mesma terá sido acompanhada de múltiplas outras de que não resultaram evidências passíveis de serem capturadas por nós, talvez pelas nossas próprias limitações; cremos que a possibilidade de isolar alguma intencionalidade nos permite aproximar dos gestos que acreditamos estarem imbuídos de simbolismo para os indivíduos, e possivelmente para as comunidades, que os praticaram. Este simbolismo e ritualidade inerente remete-nos para outra questão, justamente, o que é o ritual? Tema bastante amplo, complexo e

problemático, como fica patente na revisão de J. Brück (1999), que nos deixa clara a dificuldade de conceptualizar a designação, tanto entre arqueólogos como antropólogos, assinalando como decorre da visão bipartida e cartesiana do Mundo iniciada desde o Iluminismo. cremos, no entanto, que nem a visão da sociedade ocidental contemporânea é tão simples e linear, nem o Passado seria tão simbolicamente organizado em torno da representação metafórica da própria realidade, como alguns nos querem fazer crer, aliás como a própria autora denuncia (Brück, 1999, p. 325).

Neste sentido, e em particular no que remete para a ritualidade passível de ser registada em contextos domésticos, cremos que a resposta de R. Bradley nos serve perfeitamente:

*«The reason why some deposits can be interpreted today is that they resulted from behaviour that required a certain degree of formality. They achieved this because on particular occasions those very actions were ritualised»* (Bradley, 2005, p. 209).

E no caso concreto da visão que aqui pretendemos desenvolver, parece-nos especialmente interessante a perspectiva de J. Brück (1999, p. 335): *«I would therefore argue that it may be more helpful to describe all of the depositional activities that were carried out at middle Bronze Age settlements as constituting a culturally specific group of site maintenance practices that ensured the well-being of the settlement and its inhabitants.»*, na justa medida em que elimina a oposição ritual-funcional, e subentende que os actos simbólicos pretendem atingir um fim concreto, o *«well-being»* da comunidade. Estamos, ainda assim, conscientes da dificuldade do tema, e do modo como poderemos reconhecer e registar o resultado arqueológico dessa formalidade do gesto e acção ritualizada, ainda que estejamos longe, cremos, da linear visão dicotómica entre ritual e profano nas leituras das realidades passadas (Brück, 1999), em particular nas designadas *deposições estruturadas*, ou *altamente estruturadas*, sabendo que o tema tem conhecido notável alargamento que redundou numa utilização por vezes excessiva e pouco definida do mesmo (Brudenell e Cooper, 2008). Em trabalho recente E. Márquez Romero e V. Jiménez Jámez (2010, em particular capítulo 8) apresentam ampla revisão das problemáticas gerais referentes a este tema, deixando clara a dificuldade e abrangência do mesmo.

De um modo geral, intentaremos aqui centrar-nos naquilo que definimos de amortizações *de facto*, seguindo a proposta de La Motta e Schiffer (1999, p. 22), assumindo que *«in burying artefacts, people were placing something redolent of their sociality in a given location»* (Thomas, 1999, p. 87). No mesmo sentido, estamos então a afastar-nos de uma visão simples, unidirecional, de descarte ou «lixo», sabendo que este é, com toda a clareza, e como vem sendo amplamente explanado, altamente impregnado de conceitos culturais, variáveis de sociedade para sociedade e ao longo do tempo (Hodder, 1982, capítulo 8; Thomas, 1999, p. 63).

## **UNIDADES DE ACÇÃO E CONTEXTOS DE ANÁLISE – AS DEPOSIÇÕES DE RECIPIENTES NO SÃO PEDRO**

Atendendo ao exposto iremos centrar a nossa análise num conjunto muito concreto de realidades que considerámos deposições diferenciadas, em diversos casos claramente estruturadas, que foram isoladas especificamente como unidades de acção, ou UE's, durante o processo de escavação, o que não obsta a que outras acções e contextos possam ter igualmente decorrido de práticas ritualizadas, ou simbolicamente organizadas, merecedoras de análise, caso dos preenchimentos de outras estruturas negativas, como [187] (Mataloto, 2010, p. 278).

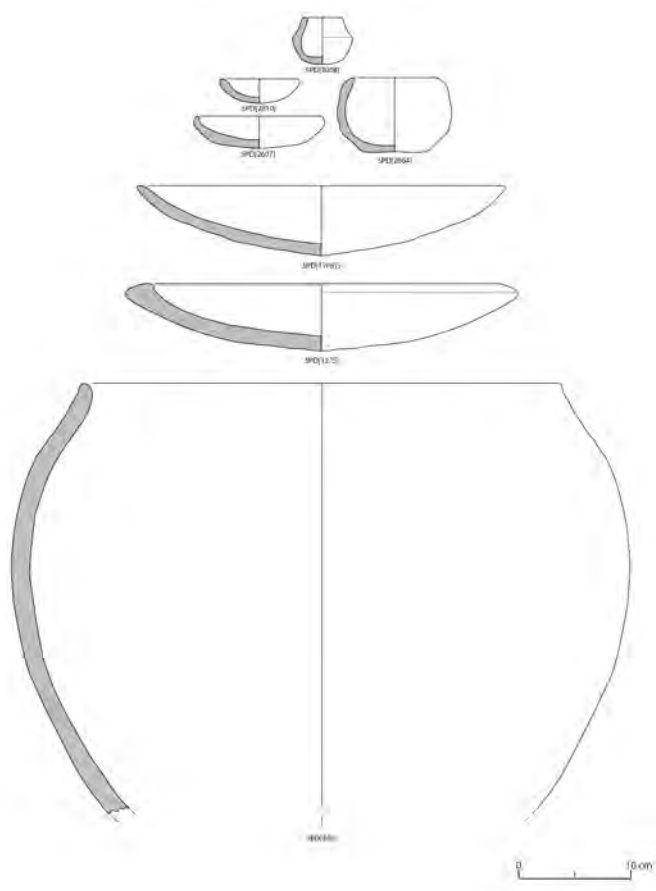
O conjunto foi, então, definido tomando como eixo fulcral a deposição estruturada, ou não, de recipientes cerâmicos completos ou quase completos que chegaram até nós depositados em estru-



**FIG. 2.** Contextos com recipientes cerâmicos parcialmente quebrados em conexão. A – [257] unidade com parte de grande recipiente fragmentado em conexão; B – [1706] prato com fragmentos sobrepostos, dentro de estrutura negativa pouco profunda; C – [125] contexto aparente de abandono e derrube dentro do bastião [100].

turas negativas, ou em pequenas depressões, por vezes estruturadas por pedras. O grau de preservação das formas destes recipientes constitui, por si só, um elemento diferenciador especialmente se nos ativermos no facto do restante conjunto cerâmico se encontrar altamente fragmentado, como o demonstram os mais de 10 mil fragmentos de quatro sectores em análise por um de nós, C. C., no âmbito da dissertação de doutoramento.

Todavia, a longa sequência de ocupações calcolíticas, com diferentes dinâmicas de construção e organização do espaço, documentadas no sítio de São Pedro condicionaram profundamente a preservação de contextos funcionais e de deposições intencionais. Assim, o elevado estado de fragmentação da globalidade dos artefactos arqueológicos exige prudência nas leituras simbólicas dos recipientes cerâmicos fragmentados em conexão. De facto, nem todos os conjuntos de fragmentos de cerâmica em conexão devem ter resultado, em primeira instância, de deposições intencionais, uma vez que se encontram em contextos que não evidenciam nenhum tipo de estruturação ou intencionalidade na colocação do recipiente. Na maioria dos contextos em que se identificam fragmentos de recipientes cerâmicos parcialmente quebrados em conexão, ou em que os fragmentos pertencentes à mesma peça estão próximos, tornando possível a reconstituição da forma, não se documentaram evidências de intencionalidade específica, sendo por isso interpretados como contextos



**FIG. 3.** Pequenos recipientes recolhidos em unidades dispersas do São Pedro. Pratos e vaso parcialmente fragmentados em conexão recolhidos em unidades negativas – [1706]5; [1275]; [245].

de rejeição doméstica, o que, como se viu, não implica que não possam estar imbuídos de ritualidade e simbolismo próprios de alguns contextos de descarte, contudo, os mesmos não se materializaram de uma forma que nos permita, em primeira instância, reconhecer ou reconstituir comportamentos altamente formalizados (Bradley, 2005, p. 209) (unidades estratigráficas SPD [125]; SPD [257]; SPD [1605]; SPD [1706]) (v. Figs. 2 e 3).

A par destes foi recolhido um número reduzido de pequenas formas, ou miniaturas, por vezes sem paralelo directo reconhecido na tabela de formas documentada no local, mas cuja presença pode ser rastreável nalguns contextos funerários, pelo que deverão futuramente merecer uma atenção particular, ainda que, uma vez mais, o contexto de amortização tenha sido por nós indiferenciado, para além da genérica unidade estratigráfica de depósito, caso de [2607], [2810], [2864] ou [3008] (Fig. 3). Todavia, surgiam essencialmente isolados em contextos genéricos que embalavam frequentes fragmentos cerâmicos, como é usual na maioria dos contextos estratigráficos de deposição.

No sítio de São Pedro identificámos, então, nove contextos com claros indícios de intencionalidade na deposição estruturada de recipientes inteiros, os quais foram, nalguns casos, posteriormente fracturados por pressão, resultante da utilização continuada do local. No geral, as formas documentadas acompanham morfologias semelhantes às passíveis de reconstituir por entre os milhares de fragmentos recolhidos no local, devendo, em geral, corresponder a recipientes que tiveram uma biografia própria, prévia à sua amortização

intencional e estruturada, tendo evidências de uso, acompanhando tendências reconhecidas a nível europeu (Thomas, 1999, p. 87). Apenas o recipiente [2744], recolhido dentro de uma das mais profundas fossas escavadas no local, apresentava, como se verá, uma forma absolutamente normal, à qual foi adicionado um «apêndice» externo que lhe proporcionava uma forma diferenciada de tudo o restante. Este facto, tal como R. Bradley realça, parece então reforçar a ligação dos contextos domésticos às realidades simbólicas, mas igualmente a ritualidade simbólica às actividades domésticas (Bradley, 2005, p. 120). Este facto não obsta que, em determinados contextos, os objectos a serem amortizados não possam ter sido criados para isso mesmo. Este aspecto remete, agora, para um outro, que se reporta ao próprio contentor, ou «bacia de deposição», ou seja, o espaço de deposição estruturada dos recipientes. Uma vez mais aqui encontramos, como se verá, situações variadas, mas cremos que a generalidade dos contextos deverá ter sido criada/escavada/construída para uma deposição intencional e amortização rápida dos recipientes depositos de modo estruturado. Ou seja, cremos que, nos casos em que tal acontece, as estruturas negativas terão sido abertas propositadamente para amortizar os recipientes em questão. Uma vez mais aqui gostaríamos de excluir a estrutura [2794], a única escavada no próprio substrato geológico, e a qual poderá, cremos, ter apresentando um uso e biografia anterior à sua amortização.

Esta é uma primeira abordagem à questão, focando-nos principalmente na deposição dos recipientes completos, faltando uma análise de pormenor de todo o conteúdo, geralmente escasso, mas que importaria rever aprofundadamente, algo que pretendemos desenvolver no futuro, com a revisão do preenchimento das muitas estruturas negativas documentadas em São Pedro. Deste modo, cremos que a realidade que aqui tratamos pode ser apenas a parte mais visível, na nossa malha de análise, de um fenómeno muito mais extenso e complexo.

## LISTAGEM E DESCRIÇÃO

[27] – Trata-se de uma pequena taça hemisférica de bordo simples, documentada dentro de uma estrutura negativa de pouca profundidade. O seu estado completo, e não fragmentado, não deixa de apresentar ligeiras marcas aparentemente de uso. O seu faseamento não é fácil, devendo enquadrar-se nas ocupações mais recentes, eventualmente fase IV, na justa medida em que corta os estratos que encostam à muralha da Fase II, no Sector B. Foi encontrada numa posição lateral, sem qualquer estruturação aparente (Figs. 4 e 5).

[165] – Nesta unidade de enchimento foram recolhidas duas peças, uma completa, correspondente a uma pequena taça, e outra correspondente a mais de metade de um pequeno vaso achatado de bordos entrantes. Ambos estavam depositados no interior de uma estrutura negativa pouco profunda, que cortava a muralha da Fase II, na sua metade Sul, no troço [26]. O facto de se encontrar imediatamente sob a superfície impossibilita o seu faseamento, mas que será sempre posterior à Fase II. As peças não apresentavam qualquer forma de estruturação (Fig. 5).

[462] – Este recipiente correspondente a uma taça hemisférica, relativamente profunda, que se encontrava fragmentada em conexão, mantendo a forma, tendo sido colocado com o bordo a tocar o solo, eventualmente com conteúdo, estando aparentemente estruturada entre pedras de média e grande dimensão. Esta deposição pode associar-se à Fase V, eventualmente a um momento avançado da mesma, na área do Sector E (Figs. 4 e 5).

[1008] – O recipiente encontrava-se fragmentado em conexão, mantendo a forma globular achatada, de bordo ligeiramente exvertido, tendo sido depositado com a base a tocar o solo, numa ligeira depressão, [1015], delimitada por lajes de xisto dispostas em cutelo. O seu faseamento não é, de momento, simples, podendo corresponder ou a momento tardio da Fase IV, ou já à Fase V, na área do Sector D (Figs. 4 e 5).

[1538] – Esta unidade corresponde a um pote globular, de grandes dimensões (c. 70l de capacidade), que se encontrava fragmentado, mantendo a sua forma original. Esta peça foi colocada com o bordo para baixo, sobre o que deverá ter sido a sua tampa de xisto, no interior da estrutura negativa [1542], de contorno circular e pouco profunda. Este facto deverá ter determinado que o recipiente se encontrasse visível à superfície durante relativamente algum tempo, tendo-se desenvolvido actividades de aparente cariz doméstico na sua envolvente, se atendermos à presença de uma lareira, [1389], e dois buracos de poste, [1388] e [1390], imediatamente a Sul da mesma, respeitando-se a sua existência, tendo a amortização desta peça respeitado a existência do empedrado [1771], que se lhe situava imediato a Nascente. A peça, que mantinha em grande medida o seu volume, terá sido cuidadosamente estruturada com pequenas lajes de xisto, e cerâmicas, fracturando-se por pressão, mantendo provavelmente grande parte do seu conteúdo, o que lhe terá

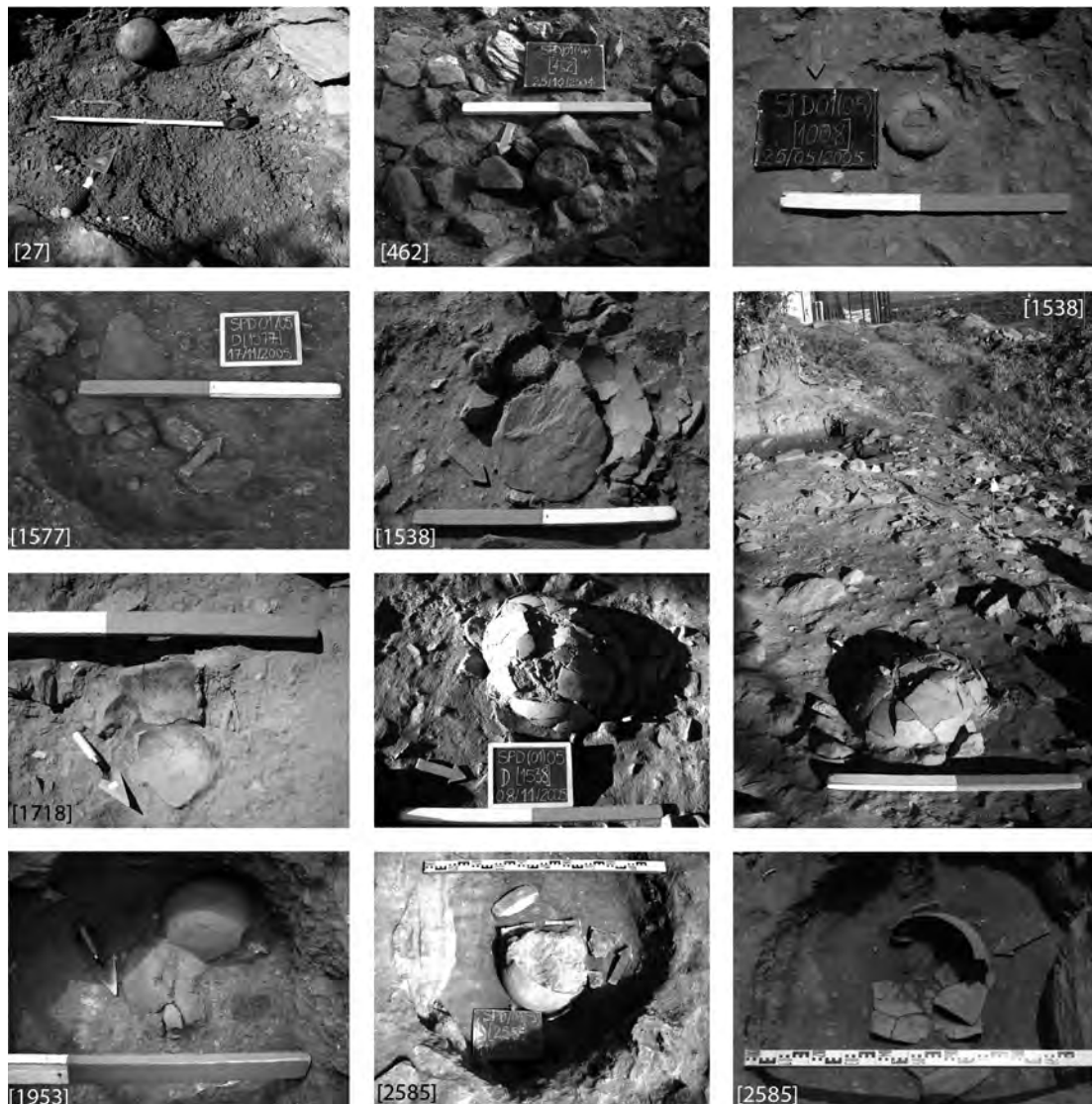


FIG. 4. Depósitos estruturados com recipientes fragmentados em conexão.

permitido manter o volume e impedido o seu esmagamento. Sob ela encontrava-se, dentro da depressão em que se estruturava, um seixo de quartzito, algo usual no sítio, e um bloco de granito, eventualmente parte de uma mó, mas que se encontrava bastante alterado. Tudo nesta deposição nos parece intencional e cuidadosamente preparado (Figs. 4 e 5). O seu conteúdo foi, com exceção de uma amostra para análise futura, crivado a água, por flutuação, não tendo resultado qualquer indício de presenças carpológicas ou antracológicas significativas.

Esta unidade pode enquadrar-se dentro da Fase III, provavelmente num momento antigo, eventualmente correspondente a um momento em que o local se encontrava em grande parte abandonado e em ruína.

O recipiente [1577] de base plana e com uma perfuração central pré-cozedura, faz parte do mesmo contexto de deposição da peça anterior, sob a qual jazia, dentro da mesma estrutura negativa (Figs. 4 e 5). Esta forma, que se encontrava depositada com o bordo virado para baixo, não apresenta qualquer paralelo no extenso conjunto de materiais estudados. Contudo, cremos que o elevado estado de fragmentação das peças poderá encobrir a presença de outras semelhantes, certamente sempre em número reduzido.

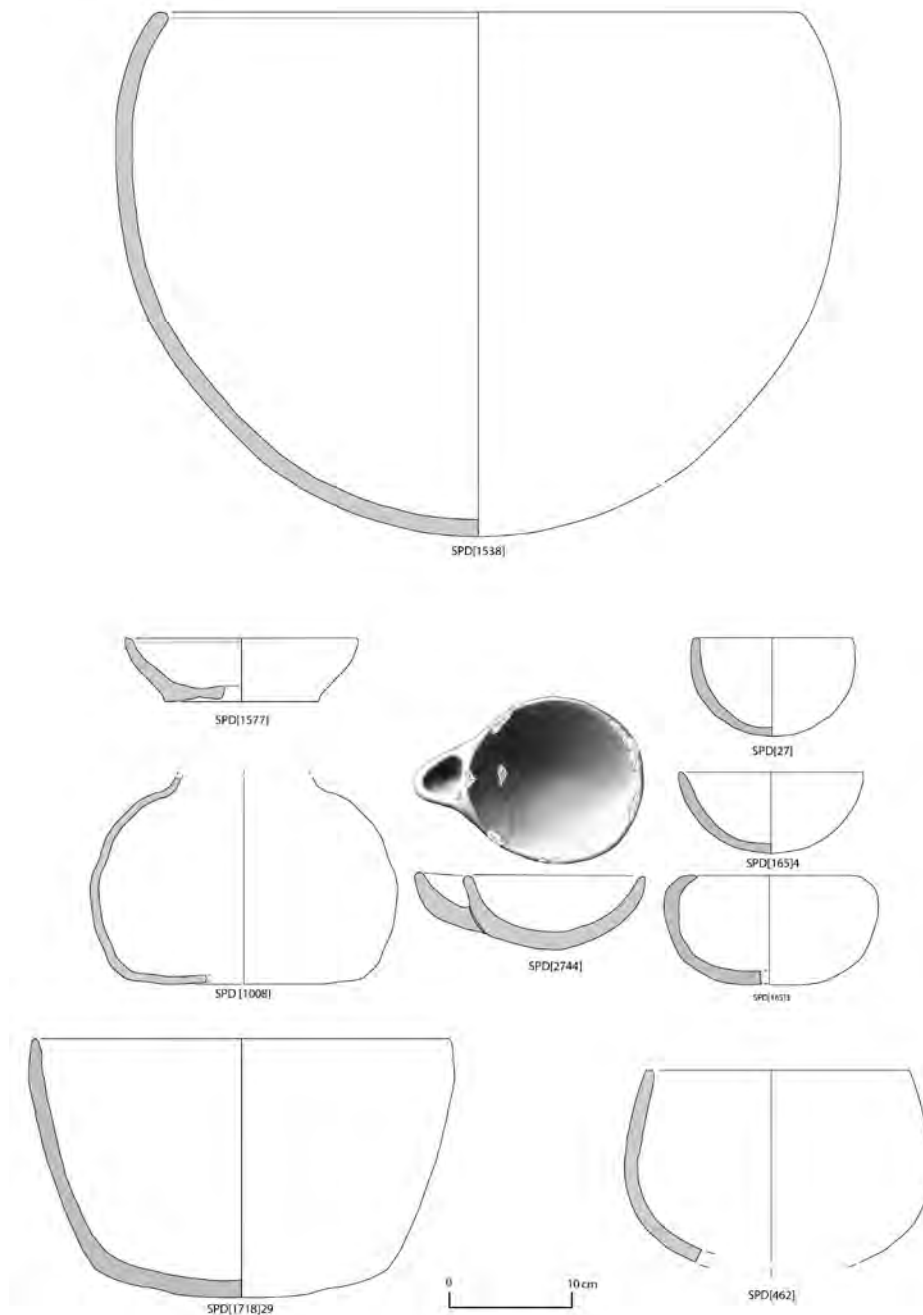


FIG. 5. Recipientes em análise.

[1718] – Este corresponde a uma taça funda, fracturada em conexão após a sua deposição, na vertical, no interior de [1750], uma estrutura negativa irregular e pouco profunda, de difícil enquadramento, mas cremos poder situar-se dentro da Fase III, na área do Sector D. A peça não se encontrava completa, mas o facto de se encontrar numa estrutura pouco profunda poderá ter facilitados processos de ablação posteriores.

[1953] – Esta taça funda de paredes quase rectas e fundo ligeiramente convexo, encontrava-se depositada no interior da estrutura [1928], em posição invertida e fragmentada em duas partes.

Sobre ela, eventualmente deposta intencionalmente, encontrava-se parte de uma haste de veado. Esta unidade é de difícil enquadramento, mas cremos poder integrar-se na Fase III, na área do Sector D (Figs. 4 e 5).

**[2585]** – Este recipiente corresponde a um vaso fundo, de base ligeiramente convexa, que se encontra fragmentado em conexão, tendo sido depositado na vertical, no centro da estrutura negativa [2600], de planta circular irregular, relativamente profunda. O recipiente parece ter sido fragmentado por pressão, após o preenchimento do mesmo e da própria vala, mantendo parcialmente a forma. Cremos que a fossa, a deposição e a sua amortização deverão ter sido realizadas sequencial e propositadamente para esse fim. Esta unidade é de difícil enquadramento, mas cremos poder integrar-se na Fase III, eventualmente numa fase antiga da mesma, aparentemente num momento em que o local apresentava uma ocupação pouco intensa, por entre as ruínas da fase anterior (Fig. 4).

**[2744]** – Esta corresponde a uma taça de média dimensão, que apresenta um apêndice côncavo, a modo de pega, aposto junto ao bordo, conferindo-lhe o aspecto de uma grande colher (Fig. 5). Encontrava-se depositada próximo da base de uma estrutura negativa subquadrangular, relativamente profunda, preenchida por um sedimento bastante solto, no qual se registou uma outra peça bastante completa, mas fragmentada, sendo ainda de realçar a presença de uma haste de veado depositada na base da estrutura negativa. A estrutura negativa, situada no sector A é difícil de enquadrar, ainda que com alguma segurança possamos associar à Fase II, sendo mais complexo estabelecer se a um momento mais antigo ou mais recente da mesma, tendo ainda que se elaborar uma leitura mais fina da sua relação com a torre [345].

É importante referir, previamente à discussão, que em nenhum destes casos dispomos, ainda, de qualquer indicação directa sobre o uso ou conteúdo dos recipientes depositados de forma estruturada. Ainda que tenhamos crivado a água o conteúdo dos recipientes, não foi possível documentar qualquer concentração específica. Todavia, nem as terras nem os recipientes foram ainda quimicamente analisados, pelo que não deveremos obstar a presença de qualquer conteúdo líquido, ao menos nas deposições na vertical. Contudo, a sua amortização, por vezes em posição vertical, ou invertida mas preenchida de modo a manter a sua forma, deixam entender uma relação directa com o sentido do seu uso, eventualmente imediatamente prévio. Como se comentou acima, estas peças, na sua generalidade, assumem morfologias usuais nos contextos habitacionais do sítio, sendo, no entanto, de realçar que na sua maioria correspondem a recipientes fundos, em geral de média e grande dimensão, sendo os dois casos de recipientes abertos e menores dimensões, [27] e [2744], justamente aqueles cuja integração no restante conjunto não deixa de assumir cariz ligeiramente distinto, a começar pela sua excentricidade espacial, como se verá. De algum modo, este conjunto de cerâmicas, amortizadas de modo a manter a sua posição e forma, em vários casos, pode ser integrado, com alguma facilidade, cremos, no que Walker (1995) definiu como «*ceremonial trash*» ao corresponder a objectos utilizados no decurso de um ritual específico, que seriam posteriormente amortizados após o mesmo, ou, como J. Thomas nos recorda (1999, p. 73) o ritual poderia ser efectivamente a própria abertura e amortização dos recipientes e seus conteúdos, acompanhado de outros preceitos e formalidades que não deixaram traços arqueológicos, como cânticos e danças. De alguma forma, estes poderiam ser recipientes com biografias muito próprias, ricas e diversas no contexto social, que as levou a serem amortizadas de modo particular. Eram, então, «*Pots that matter*» (Thomas, 1999, p. 125). Contudo, para melhor as compreender seria importante contextualizá-las de forma mais concreta na complexa sequência de ocupações de São Pedro.

## CONTEXTOS E FASEAMENTO DOS RECIPIENTES FRACTURADOS EM CONEXÃO

Estes contextos de deposição intencional de recipientes identificaram-se em vários sectores da escavação (A, B, D, E), registando-se o maior número de casos no sector D e uma total ausência no sector C e F, o que pode estar relacionado com condições diferentes de preservação. Estas deposições enquadram-se nas várias fases de ocupação do cabeço de São Pedro, parecendo mais significativas na fase III (cinco casos identificados).

A fase III encontra-se principalmente documentada nesta área do sector D, estando associada à construção de grande estrutura quadrangular, a qual é edificada após o colapso e forte acção de desmonte da muralha interior da Fase II, no seu troço [716=832]. Esta construção apresenta mais que um momento de utilização/construção, sendo marcada na fase final por uma linha de buracos de poste axializada longitudinalmente, sendo que um deles sobrepõe a muralha anterior. Para Poente deste edifício desenvolvem-se outras construções em materiais precípeis, indiciadas pela presença de diversos outros buracos de poste, cuja contemporaneidade com aquela é ainda complexa de aferir. Entre estas duas construções, documentaram-se pequenas estruturas de cariz aparentemente habitacional, como lareiras, caso da [1389], da qual se obteve uma datação (KIA33866 - 4105 ± 35 BP - 2867 - 2569 cal BC), ou [1129]. A área carece ainda de uma análise estratigráfica de pormenor, contudo, toda esta dinâmica habitacional parece acompanhar, ou ser imediatamente posterior, à amortização dos recipientes [1538], [1718], [1953] e [2585].

Já os recipientes [462] e [1008], enquadráveis na Fase V, poderão estar relacionados com o uso do espaço após a construção do grande empedrado que parece encerrar a fase V, acompanhando o cariz «simbólico» do local, após o seu abandono (Mataloto, *et al.* 2015).

Os recipientes recolhidos em [27], [165] e [2744], curiosamente os únicos registados fora da vertente Norte do sítio, apresentam características manifestamente distintas, ao serem de menores dimensões e não terem apresentado indícios claros de deposição estruturada, talvez mesmo pela sua pequena dimensão. Contudo, é certo que surgem com formas quase completas, ou mesmo completas, amortizados em estruturas negativas de cariz diferenciado, sendo de realçar que [27] e [165] são bastante próximas entre si e situadas na vertente Sul, enquanto [2744] se localiza no interior de uma estrutura negativa de planta subquadrangular, relativamente profunda.

Numa breve leitura global, cremos poder manter e realçar esta separação, que mais não seja também espacial, que parece, efectivamente, valorizar a localização deste tipo de deposições na área ocupada pendente para o lado Norte. Não cremos que este facto seja acidental ou ter origem exclusivamente tafonómica, na justa medida em que a presença do empedrado da Fase V assegura a selagem, e preservação, da estratigrafia anterior. Contudo, cremos que terá existido um forte momento de desmonte das estruturas da Fase II, eventualmente para o nivelamento e construção da muralha da Fase IV, o que poderá ter levado à destruição de alguns contextos de deposição da Fase III. No entanto, há que ter alguma reserva a este nível, na justa medida em que a deposição [2585] se parece efectuar já com a estrutura da muralha [716=832] devidamente desmontada, mas anteriormente à edificação da muralha da Fase IV, deixando entender que a subtração de parte desta construção se faz num momento antigo e imediatamente posterior ao seu abandono.

A concentração destas deposições intencionais de cariz ritual e simbólico na parte ocupada da vertente Norte poderá estar associada a aspectos concretos de visibilidade, ao ser a área ocupada mais visível desde a base da encosta a qual, ao ser um festo, com água abundante a brotar nas imediações, a tornava uma zona de atracção e transitabilidade. Por outro lado, o facto da maior parte destas deposições, nomeadamente as situadas na vertente virada a Norte, se correlacionarem ou com momentos de abandono, ou de ocupação menos intensa, nomeadamente nos inícios da Fase III e finais da Fase V poderá reforçar o seu cariz simbólico e estruturante, ao serem fortemente cono-

tadas com a formação simbólico-identitária do local, na esteira do que nos diz J. Thomas para outros contextos: «*Pit-digging, and the deposition of objects and substances within pits, was a set of actions which brought meaning to a locality over and above the importance of whatever activities generated the material concerned. Once these actions had been performed the location became a place of significance (...) pit deposits formed one aspect of the continuous process in which the identities of places were created, re-created and contested.*» (Thomas, 1999, p. 72).

Cremos ser aqui o momento em que devemos assinalar que este «Mundo em negativo», como foi já designado (Valera, *et al.*, 2013), tem sido considerado apanágio das grandes, e outras vezes pequenas, instalações de fossos, geralmente em áreas aplanadas com contextos geológicos favoráveis à abertura de estruturas negativas, onde pontuam, para além de grandes recintos cercados, constelações de estruturas negativas, de sentido e explicação difícil, uns verdadeiros «agujeros negros» (Márquez Romero, 2001, p. 213), por vezes entendidos de modo bastante «masoquista», como estruturas abertas para serem logo colmatadas. Mas, como este último autor, consideramos, também, necessário o devido abandono de uma visão «*exclusivamente utilitarista*» se entendida estritamente de um ponto de vista funcionalista «primário» (armazenagem, habitação, etc...). Após a leitura e análise das realidades apresentadas no São Pedro, que são apenas uma parte mais visível e isolável de uma realidade mais vasta, estamos certos que este «Mundo em Negativo» se estende bem mais para lá das ocupações de fossos, e é bem mais complexo que os «campos de silos». Tenhamos nós todos, nos povoados «negativos» de planície ou nas ocupações fortificadas de altura, a capacidade e a finura de registo que nos permita identificar e registar estas entidades arqueológicas.

## AS DEPOSIÇÕES DE RECIPIENTES NO SUDOESTE PENINSULAR

As deposições de recipientes do São Pedro surgem no quadro mais vasto do Sudoeste peninsular onde estas têm vindo a ser registadas numa diversidade de contextos, ainda que apenas em contadas situações tenhamos já informação disponível. Apesar do desenvolvimento de novas propostas interpretativas, muitas delas enquadradas nas correntes pós-processualistas, sobre as deposições simbólicas de artefactos em sítios calcolíticos fortificados (Jorge, 2005; Vale, 2011) e de fossos (Valera, 2010, p. 37-39; Jiménez Jáimez e Márquez Romero, 2008), a questão das deposições intencionais de recipientes inteiros em cerâmica em contextos de habitat tem sido pouco abordada. Esta situação poderá relacionar-se com a acentuada valorização dos fragmentos (a parte) em detrimento dos recipientes, com o intuito de destacar a intencionalidade das acções de fragmentação, dispersão e deposição de fragmentos nos variados contextos calcolíticos, ou com a reduzida identificação de deposições intencionais de recipientes inteiros em povoados.

Todavia, a bibliografia demonstra que a presença de recipientes inteiros com indícios de intencionalidade na sua deposição ocorre em vários povoados calcolíticos de diferentes geografias, enquadrando-se em áreas e momentos de ocupação muito variados.

No povoado do Mercador (Mourão) registou-se a deposição intencional de um pequeno recipiente inteiro, no interior de uma estrutura negativa (fossa 20) de planta elipsoidal e profundidade reduzida (Valera, 2013, p. 64 e 309-311). A intencionalidade e carácter simbólico desta deposição são assinalados, mas não se avança para uma interpretação do seu significado. Este contexto parece relacionar-se com a fase de utilização do sítio.

Nas recentes campanhas de escavação dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz) têm-se identificado múltiplas deposições intencionais de recipientes de morfologias e dimensões variadas, algumas estruturadas com pedras, como é possível observar em várias das fotografias publicadas

no blogue *Perdigões2011*<sup>4</sup> sobre as campanhas de escavação de 2011, 2013 e 2014. Os contextos de deposições intencionais do fosso 3 e da fossa 5 do sector 1 já se encontram publicados. Na primeira estrutura documentou-se um vaso suporte inteiro, colocado na vertical, ladeado por seixos, e na fossa 5 a deposição de dois recipientes praticamente completos num dos lados do topo do enchimento (Valera, 2008, p. 20-23, fig. 5, 11 e 24).

Nas proximidades do povoado da Ponta da Azambuja 2, na margem da ribeira da Azambuja, identificou-se um recipiente de grandes dimensões (38 cm de diâmetro externo do bordo, 40 cm de altura e 2 cm de espessura), de paredes rectas e base plana, com dois elementos plásticos, praticamente completo, depositado intencionalmente na vertical, numa pequena cova (Martins *et al.*, 2004-2005). As características morfológicas deste recipiente e a sua proximidade com um povoado do Neolítico Final constituem bons argumentos para a sua integração nesta cronologia, assumindo-se assim como mais um exemplo de uma deposição intencional de um recipiente de grandes dimensões liso. O contexto em que se identificou é complexo, uma vez que não se conseguiu demonstrar a sua relação directa com o povoado da Ponta da Azambuja, constituindo por isso uma deposição isolada, próxima de linhas de água.

No povoado do Outeiro Redondo (Sesimbra) identificaram-se dois recipientes fracturados em conexão sobre os derrubes das estruturas pétreas (Cardoso, 2011, p. 97, fig. 17 e 18), que aparentemente foram depositados em posição invertida, com os bordos fincados no solo. O primeiro destes recipientes correspondia a um vaso globular de bordo espessado interna e externamente, com múltiplas perfurações sob o bordo, que se encontrava decorado pelo exterior, imediatamente abaixo destas com linhas caneladas e horizontais e oblíquas, e a uma taça de bordo espessado, com a superfície interna totalmente decorada com motivos espinhados e semicircunferências concêntricas (Cardoso, 2011, p. 94-95). A deposição destes recipientes foi interpretada como intencional, simbolicamente relacionada com o abandono do povoado.

No povoado de Vila Nova de São Pedro (Azambuja) recuperou-se, nas escavações da década de 40 do século xx, um recipiente de grandes dimensões completo, depositado com o bordo para cima, rodeado por pedras, no interior de uma estrutura negativa (Paço, 1943). O significado simbólico desta deposição foi valorizado desde a sua identificação, tendo-se relacionado com um momento fundacional do povoado (Gonçalves, 1994), ou de uma área específica (Cardoso, 2011, p. 102).

Consideramos que a intencionalidade destas deposições deverá ser integrada no domínio do simbólico, uma vez que a localização e posição dos recipientes apresentados, em particular os depositos com o bordo virado para o solo ou os posicionados com uma clara estruturação, não se adequam a uma leitura funcional hoje perceptível. Gostaríamos de salientar o facto de estarmos perante recipientes completos e de estes não apresentarem, no São Pedro, mas também na maioria dos casos noticiados, qualquer tipo de decoração, o que nos parece indicar uma valorização do recipiente como um todo, e eventualmente da sua função / uso / conteúdo. Este aspecto parece ser reforçado pelo facto de a maioria serem recipientes fundos, e por vezes fechados, aptos para conterem mais que para disporem o conteúdo.

A intencionalidade da deposição destes recipientes parece-nos inquestionável, especialmente nos casos onde, quer pela estruturação da sua base, quer pela manutenção da forma, nos parece clara a pretensão de passar uma mensagem e cumprir um preceito, cujo real significado ainda nos escapa. Não nos é ainda possível aferir um qualquer padrão entre as deposições invertidas (de bordo para baixo) e as deposições na vertical, ainda que nos pareça evidente o maior cuidado na deposi-

<sup>4</sup> <http://perdigoes2011.blogspot.pt/search?updated-min=2013-01-01T00:00:00Z&updated-max=2014-01-01T00:00:00Z&max-results=39>, Monday, 5 August – 033/2013

ção das primeiras. Por outro lado, convém igualmente assinalar que, para além de associadas a diversos momentos dos povoados do São Pedro, estas peças são depositadas em estruturas marcadamente distintas, podendo corresponder a claras estruturas negativas, profundas, ou simples covachos, estes especialmente associados aos momentos mais tardios.

Dada a enorme dinâmica de ocupação/abandono/remodelação dos povoados do São Pedro, que resultaram numa estratigrafia extremamente complexa, nem sempre nos parece fácil aferir a verdadeira natureza da ocupação a que corresponderão estas peças. Nos vários casos das deposições enquadráveis na Fase III, estas parecem fazer-se contiguamente à ocupação documentada; contudo, certo é que parecem localizar-se sob claros indícios de ocupação desta área do sector D (lareiras, buracos de poste) podendo tanto entender-se como rituais fundacionais, auspiciando a fundação de uma nova ocupação, o que nos parece pouco provável, dado que justamente esta Fase III se apresenta particularmente fruste e estruturada entre as ruínas do povoado anterior; ou então, poderão corresponder não a deposições de encerramento da Fase II, na justa medida em que decorrem já com a muralha em adiantada fase de desmantelamento, mas a actos de rememoração e revisitação do local após o seu abandono, eventualmente associado a celebrações rituais e festas de ligação entre o Passado e o Presente, representados aqui pela conexão entre a superfície e a realidade subterrânea/enterrada, constituindo as cerâmicas utilizadas e agora amortizadas/enterradas, os meios de interligação entre estas duas entidades, como foi sugestionado para outros contextos semelhantes (Thomas, 1999, p. 72). Como propõe este autor, os elementos amortizados criam laços de Memória entre o evento, a comunidade e o local onde ocorrem, representando bem mais que a si próprios. É certo, todavia, que estas são apenas suposições possíveis, e que a leitura dos dados disponíveis depende muito dos contextos espaço-temporais em que ocorrem, pelo que será de realçar o facto de ocorrerem no São Pedro especialmente em momentos de abandono, ou ocupação fruste (Fases III e V), e em espaços limiares, mas bem visíveis a partir de uma área exterior de passagem, como seria a base da encosta nordeste.

Neste sentido, estas deposições parecem indiciar uma relação mais estreita com as marcas e evidências do Passado, do que com gestos propiciatórios ou fundacionais, ou seja, com o Futuro. O facto dos recipientes se encontrarem completos, em posição invertida, poderá marcar a sua cessação de uso, e logo da sua relação com os vivos (Cardoso, 2011, p. 100), não pela perda da sua funcionalidade, mas sim pela intenção de preservar esta ligação com o Passado após a realização de um ritual ou festividade, na qual o mesmo adquiriu um sentido semântico que o distancia dos restantes recipientes, tendo para tal que ser amortizado. E nos casos em que os recipientes surgem na vertical, mantendo a sua forma, e eventualmente o seu conteúdo, estaremos ante gestos propiciatórios, como os documentados em Vila Nova de São Pedro (Paço, 1943)? Em todo o caso, face à raridade destes contextos, talvez mais aparente que real, e à sua diversidade devemos, principalmente, destacar a sua clara intencionalidade, e muito provável relação com a gestão simbólica e conceptualização dos espaços e das suas vivências ou abandonos.

## BIBLIOGRAFIA

- Arnaud, J. M., Gomes, M. V., Soares, A. M.; Ferreira, S.; Estrela, C. (2005) – Vila Nova de São Pedro: uma fortificação calcolítica do Litoral Estremenho. In Arnaud, J. M.; Fernandes, C (coords.) – *Construindo a memória. As coleções do Museu Arqueológico do Carmo*. Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, p. 141-219.
- Boaventura, R. (2001) – O sítio calcolítico do Pombal (Monforte): Uma recuperação possível de velhos e novos dados. Lisboa. Instituto Português de Arqueologia. (*Trabalhos de Arqueologia*, 20).
- Bradley, R. (2003) – Enclosures, monuments and the ritualization of domestic life. In Jorge, S.O. (coord.) – *Recintos murados da Pré-História recente*. Porto/Coimbra: Centros de Arqueologia das Universidades de Coimbra e Porto, p. 13-50.
- Bradley, R. (2005) – *Ritual and domestic life in Prehistoric Europe*. Routledge, London.
- Brück, J. (1999) – Ritual and rationality: some problems of interpretation in European Archaeology. *European Journal of Archaeology*, 2/3:313-344.
- Brudenell, M.; Cooper, A. (2008) – Post-middenism: depositional histories on later Bronze Age settlements at Broom, Bedfordshire. *Oxford Journal of Archaeology*, 27, (1): 15-36.
- Calado, M. (1995) – *A região da Serra d'Ossa: Introdução ao estudo do povoamento neolítico e calcolítico*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica. Lisboa.
- Calado, M. (2001) – *Da serra d'Ossa ao Guadiana: um estudo de pré-história regional*. Instituto Português de Arqueologia, Lisboa.
- Calado, M.; Mataloto, R. (2001) – *Carta Arqueológica do Redondo*. Redondo. Câmara Municipal de Redondo.
- Cardoso, J. L. (2011) – Deposições rituais de vasos cerâmicos em contextos domésticos: os exemplares do povoado calcolítico fortificado do Outeiro Redondo (Sesimbra). *Revista Portuguesa Arqueologia*, 14: 85-106.
- Costeira, C. (2010) – *Os componentes de tear do povoado de S. Pedro (Redondo, Alentejo Central), 3.º milénio a.n.e.* Lisboa: [s.n.]. Tese de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Costeira, C. (2012) – Placas e crescentes – Análise de um conjunto de componentes de tear do sítio arqueológico de S. Pedro (Redondo, 3.º milénio a.n.e.). *Arqueologia e História*, 62-63, Lisboa, p.23-37.
- Costeira, C.; Mataloto, R. (2013) – Os componentes de tear do povoado de S. Pedro (Redondo, Alentejo Central) In Jiménez Ávila, J.; Bustamente, M.; García Cabezas, M. (eds.) – *Actas del VI Encuentro de Arqueologia del Suroeste Peninsular, Villafranca de los Barros*, p. 625-667.
- Costeira, C.; Mataloto, R.; Roque, C. (2013) – Uma primeira abordagem à cerâmica decorada do 4.º/3.º Milénio a.n.e. dos povoados de S. Pedro. (Redondo). In Arnaud, J.; Martins, A.; Neves, C. (eds.) – *A Arqueologia em Portugal – 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 397-406
- Costeira, C.; Mataloto, R. (no prelo) – *Ídolos e idoliiformes cerâmicos dos povoados do 4.º/3.º milénio a.n.e. de S. Pedro (Redondo) – contributo para o estudo de uma ritualidade fugidia...*
- Davis, S.; Mataloto, R. (2012) – Animal remains from Chalcolithic São Pedro (Redondo, Alentejo): evidence for a crisis in the Mesolithic. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 5: 15, Lisboa, p. 47-85.
- Evangelista, L.; Jacinto, M. (2007) – Deposições intencionais ou naturais? Análise estratigráfica e material do fosso exterior do recinto dos Perdígões (Reguengos de Monsaraz). *Vipasca Arqueologia e História*, 2, 2.ª Série, p. 122-127.
- Gonçalves, V. S. (1994) – O Castelo de Vila Nova de S. Pedro. Um típico povoado calcolítico fortificado do 3.º milénio. *Lisboa Subterrânea*. Catálogo da Exposição. Lisboa Capital Europeia da Cultura '94, p. 49-51.
- Gonçalves, V. S. (2003) – *Sítios, horizontes e artefactos: leituras críticas de realidades perdidas (estudos sobre o 3.º milénio no Centro e Sul de Portugal)*. 2.ª ed., rev. e aument. Cascais: Câmara Municipal, 2003.
- Hodder, I. (1982) – *Symbols in Action: Ethnoarchaeological Studies of Material Culture*. Cambridge University Press.
- Jiménez Jáimez, V.; Marquez Romero, J. (2008) – Aquí no hay quien viva. Sobre las casas-pozo en la Prehistoria de Andalucía durante el IV y el III milenios AC. *Spal. Revista de Prehistoria y Arqueologia* 15. p. 39-50.
- Jorge, S. O. (2005) – *O Passado é Redondo. Dialogando com os sentidos dos primeiros recintos monumentais*. Porto: Ed. Afrontamento.
- Lago, M.; Duarte, C.; Valera, A.; Albergaria, J.; Almeida, F.; Carvalho, A. F. (1998) – O povoado dos Perdígões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:1, p. 45-152.
- La Mota; Schiffer (1999) – Formation Processes of House Floor Assemblages. In Allison, P. M. – *The Archaeology of Household Activities*. Routledge, p. 19-29.
- Leisner, G.; Leisner, V. (1959) *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter. 1: 2.
- Lucas, G. (2012) – *Understanding the archaeological record*. Cambridge University Press.

- Márquez Romero, J. (2001) – De los campos de silos a los ‘agujeros negros’: sobre fosas, depósitos y zanjas en la Prehistoria Reciente del Sur de la Península Ibérica. *Spal, Revista de Prehistoria y Arqueología*, 10, p. 207-220.
- Márquez Romero, J.; Jiménez Jáimez, V. (2010) – *Recintos de fosos – Genealogía y significado de una tradición en la Prehistoria del suroeste de la Península Ibérica (IV-III milenios AC)*. Málaga.
- Martins, A.; Neves, C.; Cardoso, M. (2004-2005) – Fragmentos da paisagem: o pote isolado da Ponte da Azambuja 3. *Arqueologia e História*, 56/57. Lisboa, p. 103-110.
- Mataloto, R. (2010) – O 4.<sup>o</sup>/3.<sup>o</sup> milénio a.C. no povoado de São Pedro (Redondo, Alentejo Central): fortificação e povoamento na planície centro alentejana. In Gonçalves, V. S.; Sousa, A. C. (eds.) – *Transformação e mudança no Centro e Sul de Portugal no 3.<sup>o</sup> milénio a.n.e.* Actas do Colóquio Internacional. Cascais: Câmara Municipal, p. 263-296.
- Mataloto, R.; Estrela, S.; Alves, C. (2007) – As fortificações calcolíticas de São Pedro (Redondo, Alentejo Central, Portugal). In Cerrillo, E.; Valadés, J. (eds.) – *Los primeros campesinos de La Raya: Aportaciones recientes al conocimiento del neolítico y calcolítico en Extremadura y Alentejo. Actas de las Jornadas de Arqueología del Museu de Cáceres*, 1. Cáceres. Consejería de Cultura y Turismo (Memórias, 6), p. 113-141.
- Mataloto, R.; Estrela, S.; Alves, C. (2009) – *Die kupferzeitlichen Befestigungen von São Pedro (Redondo), Alentejo, Portugal. Madrider Mitteilungen Wiesbaden*. 50, p. 3-39.
- Mataloto, R.; Boaventura, R. (2009) – Entre vivos e mortos nos 4.<sup>o</sup> e 3.<sup>o</sup> milénios a.n.e. do Sul de Portugal: um balanço relativo do povoamento com base em datações pelo radiocarbono. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 12:2, p. 31-77.
- Mataloto, R.; Gauss, R. (no prelo) – Construtores e metalurgistas: faseamento e cronologia pelo radiocarbono da ocupação calcolítica do São Pedro (Redondo, Alentejo Central) In *Kupferzeitliche Metallurgie in Zambujal, in Extremadura, Südpotugal und Südwestspanien: Vom Fertigprodukt zur Lagerstätte. Arbeitstagung Alqueva-Staudamm*, 27. bis 30. Oktober 2005. Série Iberia Archaeologica. DA: Abteilung.
- Mataloto, R.; Costeira, C.; Roque, C. (2015) – Torres, cabanas e memória – A fase V e a cerâmica campaniforme do povoado de São Pedro (Redondo, Alentejo Central). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa.
- Mataloto, R.; Costeira, C. (2008) – O povoado Calcolítico do Paraíso (Elvas, Alto Alentejo). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 11:2, p. 5-26.
- Nukushina, D.; Mataloto, R.; Costeira, C.; Igreja, M. (no prelo) – «Foliáceos ovóides» e «grandes pontas bifaciais» nos povoados de S. Pedro (Redondo).
- Paço, A. (1943) – *Uma vasilha de barro, de grandes dimensões, do «castro» de Vila Nova de São Pedro*. In IV Congresso Luso Espanhol para o Progresso das Ciências. 7.<sup>a</sup> Secção – Ciências Históricas e Filológicas (Porto, 1942). Actas. Porto: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, p. 132-143.
- Soares, J. (2013) – *Transformações sociais durante o III milénio AC no Sul de Portugal: o povoado do Porto das Carretas*. Memórias d’Odiana, 2.<sup>a</sup> série. Estudos Arqueológicos do Alqueva.
- Sousa, A. C. (2010) – *O Penedo do Lexim e a sequência do Neolítico Final e Calcolítico da Península de Lisboa*. Tese de Doutoramento em Pré-História. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2 vols.
- Thomas, (1999) – *Understanding the Neolithic*. Routledge.
- Vale, A. (2011) – *Modalidades de produção de espaços no contexto de uma colina monumentalizada: o sítio pré-histórico de Castanheira do Vento, em Vila Nova de Foz Côa*. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Valera, A. C. (2008) – Recinto calcolítico dos Perdígões: fossos e fossas do sector I. *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 3, p. 19-28.
- Valera, A. C. (2010) – Marfim no recinto calcolítico dos Perdígões (1): «Lunúlas», fragmentação e ontologia dos artefactos. *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 5, p. 31-42.
- Valera, A. C. (2013) – *As comunidades agropastoris na margem esquerda do Guadiana – 2.<sup>a</sup> metade do IV aos inícios do II milénio AC*. Memórias d’Odiana, 2.<sup>a</sup> série. Estudos Arqueológicos do Alqueva, 6.
- Valera, A. C.; Lago, M.; Duarte, C.; Evangelista, L. (2000) – Ambientes funerários no complexo arqueológico dos Perdígões: uma análise preliminar no contexto das práticas funerárias calcolíticas no Alentejo. *Era Arqueologia*, 2, Lisboa, p. 84-105.
- Valera, A. C.; Godinho, R.; Calvo, E.; Moro Berraquero, J.; Filipe, V.; Santos, H. (2013) – Um mundo em negativo: fossos, fossas e hipogeus entre o Neolítico Final e a Idade do Bronze na margem esquerda do Guadiana (Brinches, Serpa). *Actas do IV Colóquio Arqueológico de Alqueva. 4.<sup>o</sup> Colóquio de Arqueologia do Alqueva, o Plano de Rega (2002-2010)*. Memórias d’Odiana, 2.<sup>a</sup> série. Estudos Arqueológicos do Alqueva.
- Walker, (1995) – Ceremonial trash? In Skibo, J. M., Walker, W. M.; Nielsen, A. E. (eds.) – *Expanding Archeology*. Salt Lake City, p. 67-79.